

## ENTRE-LUNGA E LUGAR: PODER DE UM CORPO ENCARNADO NO FILME BACURAU

Robério Manoel da Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de uma investigação que estimula reflexões em torno de como as subjetividades não se deixam curvarem e se potencializam em cenas que apresentam o construto de leitura que dissemina a ação de desarmar poderes e saberes colonizados, sujeitos e contextos culturais locais que enunciam a desobediência da logicidade do discurso centralizador. O conceito de entre-lugar que Silviano Santiago (1971) apresenta-nos, desterritorializa e problematiza o local com o global, desde a periferia destruindo os decalques dos saberes, (re)-esteticando a literatura clássica, questionamos então o lugar que o filme Bacurau (2019), de Kleber Mendonça e Juliano Dornelles, através do personagem Lunga “não no modelo estrito do cangaceiro, mas compondo um “tipo” visualmente destacado, tal como outras figuras mobilizadas na luta” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 37). É a partir das devidas considerações que irei abordar o sentido de Entre-Lunga e Lugar.

*Palavras-Chave:* Bacurau. Entre-lugar. Lunga.

## BETWEEN LUNGA AND PLACE: POWER OF A RED BODY IN THE FILM BACURAU

*Abstract:* This is an investigation that stimulates reflections on how subjectivities do not let themselves

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, DLLARTES Campus II Alagoinhas — Universidade do Estado da Bahia, (UNEB). Endereço eletrônico: roberiomanoel22@gmail.com.

be bent and potentiated in scenes that present the reading construct that disseminates the action of disarming colonized powers and knowledge, subjects and local cultural contexts that enunciate the disobedience of the logic of the centralizing discourse. The concept of between-place that Silviano Santiago (1971) presents to us, deterritorializes and problematizes the local with the global, from the periphery, destroying the tracings of knowledge, (re)-aestheticizing classical literature, we then question the place that the film *Bacurau* (2019), by Kleber Mendonça and Juliano Dornelles, through the Lunga character “not in the strict cangaceiro model, but composing a visually highlighted “type”, like other figures mobilized in the fight” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 37 ). It is from the due considerations that I will approach the meaning of *Entre-Lunga e Lugar*.

*Keywords:* *Bacurau*. In-between. Lunga.

## Introdução

Ao se questionar as metanarrativas modernas e expor o caráter histórico, contextual, inerente ao processo de colonização/construção do conhecimento, cria-se uma perspectiva epistemológica que vem provocando uma série de inquietações que desponta como um importante arsenal de análise e articulações fecundas para entender os tempos atuais. Trata-se de traçar reflexões em torno de como as subjetividades não curvam e se potencializam em cenas que apresentam o construto de leitura que dissemina a ação de desarmar poderes e saberes colonizados, sujeitos e contextos culturais locais que enunciam a desobediência da logicidade do discurso centralizador.

Sendo o entre-lugar um termo possível de ser explicado a partir da experiência da colonização latino-americana, do ponto de vista do colonizado com a própria construção de identidade da diferença, nesse sentido contribui para novos

olhares e interpretações outras das relações humanas exercitadas nas regiões periféricas do complexo espacial do mundo, principalmente, quanto ao sentido de pertencimento dos sujeitos em relação a esses locais.

Pensar territórios onde o sujeito e poder são remetidos e, potencializados a ocupação de espaços sem ser/ter visão de dependência cultural cujo pensamento opera em outras margens, fora de contextos de diálogos comuns, força bruta, relação de comuns. Territórios ocupados, que potencializam as fontes de poder existir sem as forças que colonizam, marginalizam e oprimem.

Na construção da identidade literária considerada marginal (literatura não aliada e não alinhada) e que não vem a ser uma identidade simples, o entre-lugar busca trabalhar a partir da diferença, na construção do não-lugar, gerador de um multiculturalismo que tornaria uma das forças mais importantes do pensamento pós-colonial europeu e norte americano, revelando então a existência de um lugar híbrido.

Nesse não-lugar Silviano Santiago (1971) vai indagar em que lugar estamos? MetrÓpole? Colônia? Concluiu que no espaço oco, que problematiza o local com o global, desde a periferia destruindo todos os decalques dos saberes, (re)-esteticando a literatura clássica, obrigando-nos a adquirir nossas próprias estratégias criticando o sentido de pureza, pois:

Desde o século passado, os etnólogos<sup>2</sup>, no desejo de desmitificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar que a vitória do branco no

---

<sup>2</sup> Jacques Derrida *apud* Silviano Santiago, salientando a contribuição da etnologia de abalo da metafísica ocidental, comenta: “[...] a Etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que se operou um descentramento: no momento em que a cultura europeia [...] foi deslocada, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura da referência. “E acrescenta: “Este momento não é apenas um momento do discurso filosófico [...]; é também um momento político, econômico, técnico etc.” A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 234.

Novo Mundo se deve menos a razões de caráter cultural do que ao uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia, como atestaria a recorrência das palavras “escravo” e “animal” nos escritos dos portugueses e espanhóis”. Essas expressões, aplicadas aos não-ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer (SANTIAGO, 1971, p. 11).

A estratégia de Silviano então, é mostrar como o conceito de entre-lugar desterritorializa e está ligado a contribuição da América Latina para a cultura ocidental, propondo uma ressignificação desses ditames da modernidade, destruindo sistematicamente os conceitos de unidade, trazendo a importância da literatura que não é um reflexo da fonte e sim algo que se produz.

Com este questionamento de lugar o personagem Lunga, “não no modelo estrito do cangaceiro, mas composto um “tipo” visualmente destacado, tal como outras figuras mobilizadas na luta” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 37), interpretado por Silvero Pereira<sup>3</sup>, que elucida o processo de renúncia dessa fundamentação da logicidade do conhecimento moderno, contribui para a desconstrução do aparato conceitual vivenciado por todos, abrindo discussões epistemológicas e metodológicas para a produção de um conhecimento diferente, que visa outras margens.

Em Bacurau, os objetos que fazem parte da documentação histórica do museu do povoado têm relação direta com a caracterização de personagens e

---

<sup>3</sup> Silvero Pereira é cearense e nasceu em 1982. Tem formação em Artes Cênicas pelo Instituto Federal do Ceará e se consagrou na televisão brasileira por sua participação na novela *A Força do Querer*, interpretando uma drag queen. Além de ser ator, Silvero é diretor, pesquisador, figurinista, cenógrafo, maquiador, iluminador, produtor e professor teatro. Começou a atuar em 2000, aos 17 anos, desde então tem se dedicado às causas LGBTQIAPN+. Antes de estreiar na televisão, rodou o Brasil interpretando uma travesti na peça *BR-Trans*. Mais recente, Silvero interpretou um cangaceiro queer no filme *Bacurau*.

de sua atenção à memória social, repositório de uma história de lutas do sertão do Nordeste, em particular a dos cangaceiros (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 30).

O longa-metragem, escrito e dirigido pelos cineastas pernambucanos Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho, “Bacurau”<sup>4</sup>, fazem questão de trazer “[...] tonalidade e a textura vocabular da fala da região sem os toques de regionalismo folclorizante que marcam obras naturalistas” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 31), permite conexões com a realidade social em que foi produzida, assim como estabelece relações com outras questões importantes da história e da contemporaneidade.

### **A questão da violência em suas distintas formas**

A trama do filme consiste em uma luta travada pelo povo de *Bacurau* contra um grupo de estrangeiros que se estabeleceu na região com o intuito de exterminar todos os moradores por um tipo sádico de diversão. Na busca de representatividades, a revolução da gente em “Bacurau” sai da memória do Museu do Cangaço<sup>5</sup>, a memória cultural da comunidade e “não surpreende a variedade de armações de cenas e efeito na resistência do povo de Bacurau, momento em que a emergência trouxe de volta à cidade como um reforço fundamental o célebre bandido social Lunga [...]” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 37). O Cangaço é uma fonte extraordinária de expressão crítica da cultura nordestina,

---

<sup>4</sup> Bacurau é uma produção fílmica franco-brasileira de 2019, dos gêneros drama, fantasia e ficção, escrito e dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O título do filme faz referência ao último ônibus da madrugada da cidade do Recife (Brasil) e a origem do nome vem de uma ave de hábitos noturnos comum nos sertões brasileiros, que era chamada pelos povos Tupis de Wakura’wa. Premiada em diversos festivais, a produção conquistou o Prêmio do Juri no Festival de Cannes no ano de 2019.

<sup>5</sup> Nomenclatura atribuída ao grupo de pessoas que protestava contra a situação de precariedade e injustiça social na qual vivia a população da região Nordeste do Brasil, entre os séculos XIX e XX.

desde o movimento construído pelas vias da marginalização que o constitui até os signos mais evidentes, como a moda, a fala e o pensamento. Esse movimento tem sua importância na cultura local e peculiar do sertão nordestino, com suas revoltas importantíssimas no período em que o coronelismo imperava sobre o solo escaldante do semiárido.

Não importa se é uma vila, uma favela, uma ocupação, uma comunidade rural, um quilombo ao estruturar uma poética sobre a voz, os estudos literários oferecem referências fundamentais para se pensar sujeitos e comunidades subalternizadas, fazendo conexão com as ideias de Bhabha (2019, p. 24), numa significação mais ampla da condição pós-moderna, que reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes.

Pensar deslocamentos de personagens em filmes que burlam espaços heteronormativos, sem dúvida nenhuma, desenterra sujeitos encaixotados subalternizados com isso, as escritas de Bacurau propositalmente sugerem personagens que operam nas bordas, conduzindo-nos a entender no Entre-Lunga e lugar que a política *queer*, “[...] adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. *Queer* não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la” (GAMSON, 2002, p. 151) e sugere também uma alternativa quando o “*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58), então, Lunga representa uma figura icônica de acordo com Gamson e Butler, revelando facetas de um cangaceiro *queer*, um macho sertanejo desconstruído que vai imprimir a justiça social, mostrando-se e agindo como verdadeiro marginal desobediente e não dócil. Certo disto, ele intercepta o domínio da ficção tornando enunciações em

realidade através de um processo que passa pelo princípio da inteligibilidade da representação.

Reunir em torno desses discursos cabe num modo de agenciar a performance de corpos e de sujeitos fora de lugares-comuns, destacando outros corpos em outras culturas. É, sem dúvida, um espaço de potência política que faz com que Lunga relate e se relate no centro, entre centro e linhas desterritorializadas. O reconhecimento da figura de um cangaiceiro *queer* que traz consigo uma herança da justiça social e que estranha o normativo apontado no corpo disciplinado, apresenta os sujeitos como reconhecíveis pelos enunciados criados e não sedimentados pela natureza onde reconfiguração do campo de enunciação do objeto que visa elucidar esta pesquisa abre caminho para que os corpos performatizem e sempre pelo olhar do performatizado tal como Butler (2017) deduz e que os signos cumprem disseminar como estranho ao colocar o saber-ser no espaço de violência gratuita que se entretém com as articulações de linguagens compartilhadas e de esfera híbrida na qual atravessam luzes e sombras que incidem aos gestos monstruosos para alguns que assistem à ação e à performance de corpos atuando no espaço cultural do cinema.

Bacurau traz velhos problemas conhecidos pela América Latina, abre frentes de discursos que interrelacionam pensamentos, que move modos de existir. Não estaria a crítica cultural atuante aí com a legibilidade da resignificação, através da incorporação, da tradução de muitos conceitos e instâncias epistemológicas que miram os irreconhecíveis? Assim, Agamben trata de dispositivo, a partir da ótica de Foucault e de Deleuze, considerando cada dispositivo como posicionamento, a maneira pela qual se produz a multiplicidade e, de acordo com a singularidade, mostra ser pontochave para discriminar outros meios discursivos em que se detém os dispositivos o qual o personagem Lunga, dentro do eixo local no âmbito tradicional, revela a expressão de corpos

que, em performance, aponta para trejeitos, gestos, movimentos que trazem embutidos as formas irreconhecíveis.

A nossa leitura dentro do sentido de dispositivo é desconstruir modos de vida, tendo o cinema como expressão e mote de reflexão, com personagens que criam também espaço para as relações LGBTQIAPN+. Daí a abertura para as novas possibilidades de vida, atravessada pelas diversidades e assistidas como premissa de que o corpo e a subjetividade não se superpõem. Ou seja, o modo de poder aí passa por esse excesso o que não determina a subjetividade ser individuada, identificada, humanizada, porque é por intermédio desse limite, a via nua, como Agamben afirma, promovem as decisões entre o fazer viver e o abandonado ou entre vidas protegidas e as que são desamparadas.

Como pensar o personagem de um filme que desencarna o referido lugar de discurso autocentrado pelo discurso moderno, como o encaixe de relações politizáveis se detém, mas, por outro foco de enunciação, o desencaije visto como rede política que formaliza a ação de resistir, e aponta para outros possíveis sujeitos que encarnam em estado-devir?

Esses papéis trazem identidades que estão “sendo extensamente discutidas na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno” (HALL, 2015, p. 9). Hall forma um diálogo consonante com o filme, em que identidades de sujeitos unificados são deslocadas<sup>6</sup>, conseqüentemente, rompendo com estruturas centrais das sociedades modernas. As inter-relações desses dois pontos do discurso: Stuart Hall (2015), a crise dessas identidades, e Bacurau, a sociedade dialógica, quando colocados em discussão juntos, onde se aproximam, encontram-

---

<sup>6</sup> Quando o autor usa o termo deslocamento, está sugerindo uma perda do “sentido de si”, “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos”, gerando uma crise de identidade.

se e, principalmente, onde se diferem, trazem questões importantes para a formação do sujeito de falas.

### **Quem nasce em Bacurau é o quê?**

Construir uma linha de raciocínio, que faça interagir autores e pensamentos, implica uma série de técnicas para que possamos criar e estabelecer conexões inéditas de determinadas pesquisas. Com isto surgem as seguintes perguntas: qual a questão que me permite trazer as questões de subjetividades e descolonização do pensamento, envolvendo o Entre-Lunga e Lugar em consonância com uma política da diferença? Esses pontos se comunicam entre si? Qual a posição de Lunga a respeito de aspectos da descolonização epistemológica? Quais cenas do filme levam a esses questionamentos? Será o espaço? Trazer o sentido de descolonização é buscar uma reflexão de libertação, sendo assim quais subjetividades que existem nestes espaços e onde disseminam o recorte social e cultural, tendo em consideração o dissenso? Agamben afirma que um dispositivo trata de “qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, comportamentos, opiniões e discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2010, p. 28).

Tais dispositivos imagéticos de produções televisivas podem traçar com a soma da diferença o modo de trazer outras reinvenções para o comum entre os corpos. Filmes com figuras como o personagem Lunga de Bacurau não será mera retórica, mas servirá como busca do signo político, que será investigado na direção de corpos sexualizados em seus gêneros, ao se encenar no saber ser sujeito diferente da prática comum. Seria o Entre-Lunga e lugar o novo homem proposto pelo filme, pois este não se alinha com os modelos identitários hegemônicos para descrever uma nova condição masculina? O personagem encarnado elucida o avanço da tecnologia na arena da sexualidade, na pluralidade de papéis

e identidades sexuais nos discursos políticos cinematográficos. Com isso faz uma crítica do conceito de identidade de gênero gerando duas vias sendo uma o modelo tradicional da figura masculina hegemônica e a outra um modelo de masculinidade atual que vai reestabelecer a justiça social independentemente do seu *status quo*.

Podemos compreender que as trajetórias masculinas são baseadas em violências epistêmicas e são executadas em detrimento das identidades tidas por tradicionais ou culturais fortalecendo o sentido de inferioridades, desigualdades e vulnerabilidade para mulheres e outros tipos de homens que não seja o homem branco heterossexual.

Não há dúvida que personagens como Lunga rompe com o modelo do macho, atado à masculinidade hegemônica, seja pela representatividade do patriarcado ou pela representação da figura do cangaceiro, assim

*Queer* costuma ser o rebelde, o malcomportado. Não importa se estamos falando de um indivíduo ou de um grupo, de um movimento ou de um pensamento, tudo ou todos que se revelem ou se reconheçam como *queer* se mostram, de algum modo, 'estranhos', afinal é parte da sua 'natureza' desacatar normas e perturbar cânones (GUACIRA LOPES, 2004).

Podemos então fazer uma analogia entre o que seria *queer* para Louro com o signo que acompanha a experiência nua no universo do cinema convencional que coloca em evidência a força-bruta, fazendo dos corpos uma realidade singular e reprodutiva girada em torno da categoria de gênero sob o governo da heterossexualidade compulsória.

O estatuto político ilumina a subjetividade de homens que contamina a retórica da heteronormatividade, ao configurar a ideia de que trata de personagens centrais de/para homens cisgêneros, dando as cartas ao poder que reina nas arenas cinematográficas. Não se trata apenas do enfoque do individual, mas do domínio cultural que se faz presente de-

marcando terreno em torno do complexo de forças, espaçamento e relação entre o material e o imaterial que visam a criação da existência nos instantes das produções.

Para Boaventura (2000), a opção pelo conhecimento-emancipação é a transição do mono para o multiculturalismo, através do reconhecimento de outras culturas e modos de pensar e viver. A questão é: como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis? Em outras palavras: como fazer falar o silêncio sem que ele fale necessariamente a linguagem hegemônica que o pretende fazer falar? (BOAVENTURA, 2000, p. 30). A figura de um cangaceiro violento com trejeitos e vestimenta que confunde o telespectador quebra paradigmas sociais de certa forma dialogando com a Teoria *Queer* em sua liberdade de não se classificar masculina nem feminina, sendo assim atemporal e não sexual, e nunca, jamais, normativa. Neste contexto, o personagem em sua performance não se prende nem a sexualidade nem tampouco ao gênero dialogando assim com o que Teresa de Lauretis chamou de “tecnologias de gênero”<sup>7</sup>, sugerindo que o gênero não é uma propriedade natural dos corpos, sendo um conjunto de efeitos decorrentes das políticas de Estado, do cinema, da literatura, das famílias e instituições.

Ao transitar pelo binarismo, o entre-lugar de Lunga mostra que o não normal pode e deve se projetar como potência de desarmar, anulando os “dispositivos”<sup>8</sup> de poder que constituem os sujeitos e as suas organizações. Com o que foi dito até aqui, fica claro que o cinema abre discussões importantíssimas capaz de agenciar uma epistêmica subalterna e desvelar outros processos de subjetivação, com ênfase, so-

---

<sup>7</sup> Termo usado por Teresa de Lauretis para indicar que o gênero é formado por várias instâncias tal qual a sexualidade.

<sup>8</sup> Para Foucault, o dispositivo atua como um aparelho, uma ferramenta constituindo sujeitos e os organizando.

bretudo, em novos temas e práticas políticas, outras posturas éticas e em produções de subjetividades que desobedecem a lógica racional moderna/colonial.

Destarte, fica nítido o lugar que Mendonça coloca o personagem Lunga na discussão da dicotomia entre política e cultura, na promoção de saberes e sujeitos vilipendiados pela epistemologia ocidental. Assim, entende-se que Bacurau também é uma crítica ao colonialismo que de acordo com Boaventura de Souza e Santos (2019) ainda está presente em nossa sociedade de formas variadas, vejamos:

Os conflitos estruturais do nosso tempo decorrem da articulação desigual e combinada dos três modos principais de desigualdade estrutural nas sociedades modernas. São eles, capitalismo, colonialismo e patriarcado, ou mais precisamente, hétero-patriarcado. Esta caracterização surpreenderá aqueles que pensam que o colonialismo é coisa de passado, tendo terminado com os processos de independência. Realmente, o que terminou foi uma forma específica de colonialismo — o colonialismo histórico com ocupação territorial estrangeira. Mas o colonialismo continuou até aos nossos dias sob muitas outras formas, entre elas, o neocolonialismo, as guerras imperiais, o racismo, a xenofobia, a islamofobia, etc. Todas estas formas têm em comum implicarem a degradação humana de quem é vítima da dominação colonial (BOAVENTURA, 2019).

Como se pode perceber estes embates se dão em várias frentes, no entanto, é no campo epistemológico que estas disputas ganham ainda mais força. Para Adelia Miglievich-Ribeiro, a colonialidade é a face da modernidade que por muito tempo se manteve oculta<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma Razão Decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmvisão moderna. *Civitas*. Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan-abr de 2014, p. 68.

## Conclusão

Apresentamos reflexões em torno das subjetividades que não se deixam curvar, potencializando, em cenas que apresentam o construto de leitura que disseminam, a ação de desarmar poderes e saberes colonizados ao questionar as metanarrativas modernas e expor o caráter histórico, contextual, inerente ao processo de colonização/construção do conhecimento. Expomos a importância da reflexão e compreensão de imagens de teorias e filmes de longa duração que apresentam e potencializam sujeitos soterrados, visando analisar modos de vidas, embasados em enunciados e posturas que desconstróem subjetividades em campos múltiplos e culturais, locais e globais, criando uma perspectiva epistemológica que vem provocando uma série de inquietações que desponta como um importante arsenal de análise e articulações fecundas para entender os tempos atuais.

A cinematografia ao atravessar paradigmas sociais, ainda que no nível simbólico, consegue captar as esferas de uma construção cultural. Não seria o momento exato de pausar a investigação em tempos tão sombrios? O reconhecimento de um cangaceiro (futurista) *queer* em sua performance, sob a ótica do cinema, reage aos ataques e promove a justiça social. Esse estilo que estranha o normativo, representado pela questão do herói heterossexual normativo apontado no corpo disciplinado, torna o exercício que Beauvoir já clamava para os estudos feministas: “não se nasce mulher, torna-se”. Trata-se de uma forma para apresentar os sujeitos como reconhecíveis pelos enunciados criados e não sedimentados pela natureza.

Sugerimos que trabalhos posteriores possam ter como base essa produção, que se atentou a trazer questões de subjetividades do personagem central de Bacurau, buscando

rizomaticamente<sup>10</sup> espaços para que pudesse alinhar e aliar a estratégia de Silvano Santiago, quando o mesmo mostra o conceito de entre-lugar, que desterritorializa e está ligado a contribuição da América Latina para a cultura ocidental, propondo uma resignificação desses ditames da modernidade, destruindo sistematicamente os conceitos de unidade e trazendo a importância da literatura que não é um reflexo da fonte e sim algo que se produz.

Ainda que algumas peças do quebra-cabeça, desse jogo não tenham sido encaixadas, a criticidade discutida nesse trabalho, desponta como importante reflexão de como crescemos aprendendo que existem dois tipos de saberes: o europeu e os demais. Nesta urdidura, este artigo é uma tentativa de compor este campo de estudo, articulando diferentes estilos literários presentes nos referidos autores. Trata-se de uma propositura que busca se enquadrar, outrossim, no campo da crítica cultural, por perceber sua capacidade em se aliar com todas as áreas de estudo que se põem como espaços de resistência às diferentes formas de dominação e exploração dos diferentes sujeitos.

A importância dessas interposições culturais é a celebração da visibilidade de novas subjetividades extraídas de outros processos de subjetivação ligada à epistemologia. De acordo com Guattari, as máquinas de produção de subjetividade são variáveis, a depender dos parâmetros de sistemas econômicos que se diferenciam dos moldes tradicionais para

---

<sup>10</sup> Deleuze e Guattari tomam o conceito por empréstimo da Botânica e aponta os seus princípios, tais como: o da conexão, da heterogeneidade, da multiplicidade, da ruptura a-significante, da cartografia e da decalcomania. Tais características de um rizoma são trabalhadas mais detalhadamente ao longo do trabalho. Para os autores: "diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31).

os modelos capitalísticos<sup>11</sup>. E é dessa subjetividade que se extrai as identidades com toda sua pretensão de enunciar os sujeitos.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Uma biopolítica menor*. Disponível em: <http://golosinacanibal.Blogspot.com/2010/10/uma-biopolitica-menor-entrevista-com-html>.

AGAMBEN, Giorgio. As relações de poder passam para o interior dos corpos. O Sujeito e o poder. Michel Foucault, uma Entrevista: Sexo, Poder e a Política da Identidade. In: *Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Ditos e Escritos IX*. Organizador Manoel Barros da Motta. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 35-43; 118-140; 249-263.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019.

BUTLER, Judith. Um relato de si. In: *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Posfácio Vladimir Safatle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 13-55.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

FOUCAULT, Michel. A ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. Uma Estética da Existência. In: *Michel Foucault. Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos V*. Organização e Seleção de Textos: Mano-

---

<sup>11</sup> Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família, e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideias e significações por meio de enunciados significantes. Tão pouco se reduz a modelos de identidade ou identificações com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de significações entre grandes máquinas produtivas e grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (Ibidem, p. 35).

el Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-293.

GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria editorial, 2002. p. 141-172.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e História. Políticas. In: *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000, p. 25-61 / p. 127-152.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENDONÇA FILHO, Kleber. *Três roteiros: O som ao redor – Aquarius – Bacurau*. São Paulo: Cia das Letras, 2020, p. 30-37.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma Razão Decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas*. Porto Alegre. V. 14, n. 1, jan-abr de 2014.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-latino americano (1971) em Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*, Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Descolonizar o saber e o poder*. [Entrevista concedida a Outras Palavras – Jornalismo de Profundidade e Pós Capitalismo]. *Online*, 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/descolonizar-o-saber-e-o-poder/>. Acesso em: 4 maio. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. p. 23-32.

[Recebido: 4 out. 2021 — Aceito: 25 out. 2021]